

MARCELO CONDE

Empresário

O esgotamento do modelo baseado em commodities e os desafios para o Brasil

O atual modelo de desenvolvimento brasileiro, fortemente ancorado no agronegócio e na mineração, apresenta sinais claros de esgotamento e expõe o país a riscos estruturais relevantes nos próximos anos. Lamentavelmente, o debate sobre um verdadeiro Projeto de País tem estado ausente da agenda política e dos programas de governo, comprometendo o nosso futuro e progresso . No agronegócio, a dinâmica competitiva mudou. A China acelerou sua produção de proteínas e já se posiciona como exportado-

ra líquida de frango, avançando de forma consistente em sua estratégia de autossuficiência alimentar. Paralelamente, o continente africano, com aporte de investimentos e tecnologia, estrutura-se para se tornar um dos maiores produtores agrícolas globais, em condições muito semelhantes às do Cerrado brasileiro em sua fase de expansão. Na mineração, o alerta vem do complexo de Simandou, na Guiné. Com reservas de altíssimo teor, equivalente ao de Carajás da Vale , com capacidade projetada de 120 milhões de toneladas por ano, sua entrada em

operação terá impacto direto e estrutural na formação de preços no mercado mundial de minério de ferro. Outro ponto central é a elevada dependência da economia em relação aos programas de transferência de renda. Somados, Bolsa Família, BPC e Auxílio Gás representam cerca de R\$ 300 bilhões anuais, equivalentes a 2,3% do PIB. Sua reformulação é indispensável, com foco na porta de saída, na qualificação da mão de obra e no aumento da produtividade. Diante desse quadro, o Brasil precisará se reinventar. Será imperativo: 1.Promover uma melhoria estrutural da infraestrutura logística; 2.Promover o reequilíbrio fiscal, com redução consistente do déficit público, revisão dos programas de complemento de renda e ampliação do espaço para investimento; 3.Elevar substancialmente a produtivi-

dade da economia, com foco na qualificação profissional e na meritocracia; 4.Aumentar o valor agregado no agronegócio e na mineração, por meio da industrialização e do processamento local, ampliando o portfólio de produtos com base em pesquisa e beneficiamento antes da exportação; 5.Diversificar a matriz de crescimento, com ênfase em indústria de maior valor agregado, tecnologia e serviços. Neste último ponto, o turismo ilustra bem a oportunidade desperdiçada. Detentor de um dos maiores potenciais turísticos do planeta, o Brasil recebe apenas 9 milhões de turistas internacionais por ano e acumula um déficit de US\$ 175 bilhões na conta corrente de turismo. O enfrentamento desse novo ciclo exigirá quadros altamente qualificados, capazes de elaborar cenários prospectivos e de estruturar projetos consistentes e de longo prazo para o país.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas (FGV)

Não tenho nada contra o álcool. Ele é que tem contra mim

Meu nome é Victor, tenho 38 anos e sou alcoólatra. É assim que me apresento, todos os dias, nas reuniões de Alcoólicos Anônimos. Não é fácil dizer isso, muito menos escrever. Já contei neste espaço sobre minha decisão de não mais beber, mas evitei usar essa palavra. Por receio do julgamento alheio? Pode ser. A recuperação possui altos e baixos. Não é um processo linear. Há poucos dias, decidi me arriscar em um copo de gin. Depois do primeiro, não sei quantos vieram. No dia seguinte, além da ressaca, veio a desesperança. Uma recaída tem o poder de fazer parecer que todo o esforço anterior foi inútil. Como se os meses em que não bebi deixassem de existir. Como se eu tivesse voltado ao ponto de partida. Não voltei. Mas naquela manhã, não dava para saber a diferença. Faz cerca de cinco anos que recebi o diagnóstico. Médicos e psicólogos me explicaram que é como se eu fosse alérgico a tudo que contém álcool. De um copo de vinho a um bombom de licor.

Não posso tomar a primeira dose, porque é justamente ela que dá lugar à segunda, à terceira e por aí vai. Quando começo a beber, perco a capacidade de decidir a hora de parar. Não tenho nada contra o álcool. Ele é que tem contra mim. Todas as vezes em que tentei negociar com ele, perdi. A dependência não é uma escolha. Nem se manifesta da mesma maneira em todas as pessoas. Nunca faltei ao trabalho por causa do álcool. Também não bebia todos os dias. Meu consumo se concentrava nos fins de semana. Durante muito tempo, isso me pareceu suficiente para afastar qualquer suspeita de alcoolismo. Os sinais, no entanto, apareceram ainda aos 20 e poucos anos. Quase sempre que bebia, não me lembrava de parte da noite anterior. No dia seguinte, precisava perguntar aos amigos o que havia dito, feito e até como tinha voltado para casa. Há um nome para isso: amnésia alcoólica. Eu não correspondia à imagem que fazia de um alcoólatra. O álcool é uma droga lícita, socialmente aceita e presente em qua-

se todas as comemorações. Nesse ambiente, é difícil perceber quando alguma coisa saiu do padrão. Principalmente porque o próprio padrão admite excessos. Houve momentos de revolta. Por que eu? Por que tanta gente pode beber, voltar para casa e seguir a vida normalmente, enquanto eu não sei sequer quantos copos tomei? Para a minha geração, beber ainda parecia parte obrigatória da vida adulta. Fui atrás de uma explicação para essa revolta e encontrei uma resposta parcial: o alcoolismo pode envolver uma predisposição genética. Isso não significa que alguém herde a certeza de desenvolver a doença, mas uma vulnerabilidade. Tenho um tio que convivia com diferentes sofrimentos, entre eles o alcoolismo. Quando começava a beber na segunda-feira, continuava até a segunda seguinte. Embora não tenha cura, há tratamento. Em primeiro lugar, não mais beber. É onde mora o desafio. Tenho a sorte de contar com um plano de saúde que cobre consultas frequentes, um psiquiatra que ajusta a medicação sempre que preciso e um psicólogo que me acompanha nas piores semanas. Alexssandro, meu psicólogo, conhece a dependência também por experiência própria: está em recuperação há 25 anos. Sei que essa rede de cuidado está longe de

ser acessível a todos. O SUS oferece tratamento para a dependência de álcool, principalmente por meio dos CAPS AD. Mas a rede pública não dá conta da dimensão do problema. Para mim, receber o diagnóstico foi um baque. Ao mesmo tempo, foi libertador. Pela primeira vez, alguém me dizia que aquilo não era apenas falta de controle ou ausência de limites. Eu tinha uma doença. Foi também o que encontrei nos Alcoólicos Anônimos. O AA não é uma política pública nem substitui o Estado. Ainda assim, há décadas oferece gratuitamente aquilo que muitas pessoas não encontram em outro lugar: escuta, identificação e apoio. Ali, admitir o alcoolismo não representa derrota. É o ponto de partida. Amigos passaram a me procurar para saber se deveriam se preocupar com a forma como bebem. Tento estar à altura disso. Não como especialista, mas como alguém que já esteve do outro lado da pergunta. Não sou médico nem psicólogo. Posso ouvir, aconselhar e compartilhar o que aprendi com a minha própria experiência. Falo também por esses amigos. E por quem ainda não conseguiu dar nome ao que está vivendo. Escrever aqui me expõe enquanto indivíduo, mas também reforça meu compromisso com algo maior: minha recuperação. Não vou desistir.

MARCO AURELIO DA SILVA

Docente do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário da Serra Gaúcha

O Dilema da Assimetria: Por que a potência militar não basta

O cenário geopolítico contemporâneo do Oriente Médio tem se consolidado como o principal laboratório de uma transformação profunda na arte da guerra no século XXI. À medida que as tensões entre o eixo Washington-Tel Aviv e Teerã se desdobram em meio a atritos navais, impasses diplomáticos e ameaças às rotas globais de navegação, emerge um conceito analítico fundamental para compreender a dinâmica atual: a guerra assimétrica. Nesse modelo de confronto, a posse de uma infraestrutura bélica de ponta e orçamentos militares astronômicos não garante mais uma vitória conclusiva nem a capacidade de impor a estabilidade política desejada. A estratégia iraniana fundamenta-se na

recusa deliberada do combate convencional direto, um terreno em que a superioridade tecnológica e a força de fogo dos Estados Unidos e de seus aliados regionais seriam esmagadoras. Em vez de aceitar o confronto em campo aberto, Teerã e sua rede de aliados regionais apoiam-se em táticas híbridas e no uso massivo de tecnologias acessíveis, como veículos aéreos não tripulados (drones) de baixo valor unitário, mísseis de custo relativo baixo e ações de saturação de defesa em pontos de estrangulamento marítimo cruciais, como o Estreito de Ormuz. Essa abordagem transfere o eixo do conflito da destruição física pura para o desgaste financeiro, logístico e político do adversário. Para a doutrina militar norte-americana,

o desafio decorrente desse arranjo é de ordem estrutural e doutrinária. Manter a presença de grupos de combate, bases avançadas e sistemas de interceptação de altíssima precisão na região exige aportes na casa de 1 bilhão de dólares por dia (cerca de R\$ 5,2 bilhões diários). No entanto, neutralizar ameaças assimétricas impõe uma equação econômica profundamente desfavorável: disparar mísseis de defesa cujos custos de fabricação somam milhões de dólares para abater drones que custam uma fração minúscula desse valor gera uma erosão prolongada e insustentável. A eficiência econômica da guerra se inverte, pressionando a capacidade de sustentação do esforço bélico pela opinião pública e pelo Tesouro americano. Israel, inserido em um complexo contexto de defesa de suas fronteiras imediatas e de combate a múltiplos vetores regionais, busca garantir sua capacidade de resposta e dissuasão tática. Contudo, a atenção da análise geo-

política internacional recai sobre a evidente dificuldade de Washington em converter sua inegável supremacia militar em um resultado estratégico definitivo ou em uma paz duradoura sob seus termos. Quando a maior potência bélica do planeta é confrontada por uma estratégia de atrito difusa, a força bruta isolada da flexibilidade política revela limites claros. O panorama que se desenha no tabuleiro internacional expõe uma lição crucial sobre a redefinição da força na era contemporânea. No balanço das movimentações militares, das sanções econômicas e das disputas pelo controle das rotas energéticas do Golfo, o sucesso estratégico já não se afere pelo avanço territorial ou pela dimensão do inventário bélico. Ele é mensurado pela resiliência do ator atacado em face da exaustão do atacante. Diante desse cenário, a realidade do conflito se impõe de maneira cristalina: o Irã não está perdendo essa guerra, os Estados Unidos é quem não está ganhando.